



Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## Roberto Feith estreia na ficção

Roberto Feith, jornalista, editor e produtor independente de televisão, trabalhou na TV Globo como correspondente de 1977 a 1984, em Paris e Londres. Feith criou séries documentais, campanhas políticas e musicais e foi editor-chefe do Globo Repórter. Em 1993 fundou a Editora Objetiva, em 2005 associou-se ao grupo espanhol Prisa Santillana e, em 2014, vendeu sua participação para o Grupo Companhia das Letras/ Random House. Atualmente, Roberto conduz o selo de não ficção nacional História Real, da Editora Intrínseca.

Jornalista experiente, consagrado, Feith dedicou boa parte de sua vida a reportar os fatos. No Brasil de hoje - e até em nosso imprevisível passado - os fatos por vezes são mais fantásticos do que qualquer ficção.

*Filhos da mãe gentil* (Editora Intrínseca, 352 pág, R\$ 79,90) é o romance de estreia de Feith. A narrativa tem vários protago-

nistas. Roberval Pompermayer, fio condutor, repórter veterano, desempregado, vivendo de fri-las, já viu dias melhores e quer apenas vender um terreno que herdou para ajeitar a vida dos filhos. Numa barganha faustiana, ele topa ajudar Wozinton Polozola, filho de um poderoso bicheiro que quer se tornar uma celebridade.

No caminho, Roberval assume a comunicação de uma startup de IA, a grande sensação do mercado financeiro. Negocia com lobistas mercenários, políticos venais, é ameaçado por capangas, descobre o mundo da aviação privada e se apaixona perdidamente por Flordenira, jovem e talentosa executiva, a quem vai proteger.

Com linguagem envolvente, muita ação, capítulos curtos e ritmo e diálogos velozes, como folhetins televisivos, o romance *Filhos da mãe gentil* é uma estreia madura e promissora, com personagens que habitam os



mundos dos negócios, política, crime, jornalismo e artes correndo atrás de fama, dinheiro e poder. Na disputa feroz, quem é amigo do Rei leva vantagem. Enfim, muitas reviravoltas e aventuras com personagens, locais e situações bem brasileiros, filhos da mãe gentil.

## e palavras...

### COMO OS TIRANOS CAEM (E AS NAÇÕES SOBREVIVEM)

A questão do poder dos tiranos e de suas ascensões e quedas segue mais antiga do que andar a pé. Mesmo depois de milênios de estudos, convívio humano e história, os tiranos andam por aí, com poder absoluto corrompendo absolutamente, no dizer de Lord Acton. Eles se acham invencíveis, imortais e não leram história ou, se leram, esqueceram as lições que deveriam ter aprendido para não terminar no exílio, na cadeia ou no cemitério, como aconteceu com a maioria dos autocratas que caiu desde a Segunda Guerra Mundial.

*Como os tiranos caem e como as nações sobrevivem* (Editora Rocco, 240 pág, R\$ 84,90, tradução de Clóvis Marques), de Marcel Dirsus, consagrado e experiente cientista político alemão, é um livro intenso, interessante, vívido e provocativo, além de contar com linguagem envolvente e apresentar tema essencial. Marcel esteve em Oxford, trabalhou na República Democrática do Congo durante uma tentativa fracassada de golpe e escreve a *newsletter The Hundred* sobre política. Dirsus é consultor de grandes empresas e organizações internacionais, como a Otan e a OCDE, e escreveu artigos e pesquisas para grandes veículos como The New York Times, Foreign Affairs e The Washington Post, entre outros. Dirsus também trabalhou no Ministério das Relações Exteriores da Alemanha.

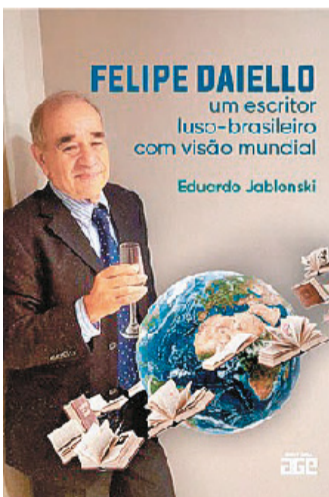
*Como os tiranos caem e como as democracias sobrevivem* é uma obra muito bem embasada, que resultou de dez anos de estudos, leituras, pesquisas e é muito útil

nesse cenário internacional marcado pelo fortalecimento de regimes autoritários. Marcel revela as fragilidades dos líderes autocráticos que buscam poder absoluto e pretende, com seu livro e suas ideias, apontar caminhos para que as pessoas possam livremente ter voz na forma como são governadas.

O livro de Marcel é abrangente e narra trajetórias de tiranos de várias partes do mundo. O autor recorreu a entrevistas com diplomatas, jornalistas, dissidentes, militantes de direitos humanos e (ex-)espões para desvendar as vulnerabilidades dos homens mais poderosos do mundo. Por meio de uma minuciosa pesquisa, Marcel busca responder três questões principais: como os tiranos se mantêm no poder, como é possível destituí-los e, mais importante, quais são as consequências disso. Afinal, o que vem depois da queda de um ditador?

Em síntese, o livro também se apresenta como um guia essencial para lutar contra a tirania e um norte para nos prepararmos para tudo - de bom e de ruim - que vem depois. Quando um tirano cai, os resultados podem ser catastróficos. Para ele, para os cidadãos, para a nação e para o mundo. Os tiranos vivem com medo, tentam parecer inabaláveis, invencíveis, mas enfrentam ameaças constantes vindas de todos os lados, seja de integrantes de seu círculo mais íntimo, das elites militares, da população descontente, de assassinos ou de revolucionários. O sentimento de medo nunca se acaba, porque ditadores não se aposentam.

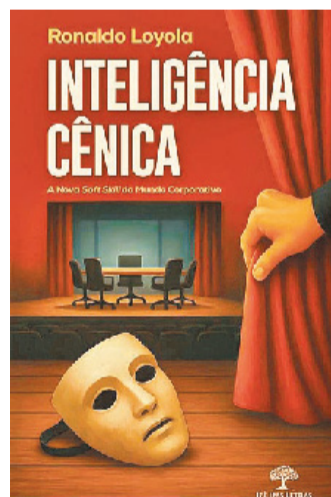
## lançamentos



► **Felipe Daiello - um escritor luso-brasileiro com visão mundial** (AGE Editora, 136 pág), de Eduardo Jablonski, consagrado e premiado escritor, quarenta livros publicados e professor universitário, fala dos 18 livros e das inúmeras viagens do renomado e prolífico escritor, empresário e homem de cultura Felipe Daiello. Na obra, Daiello fala de viagens, história, memória e inquietação social.



► **O livro dos leitores imaginários** (Arquipélago, 208 pág, R\$ 69,90), de Rodrigo Breunig, escritor, tradutor e jornalista, autor do romance *A última noite das bicicletas*, tem 101 narrativas curtas inspiradas em leitores fictícios criados por grandes autores da literatura, como Machado de Assis e Jorge Luis Borges. A obra combina diferentes formas: conto, poema, verbetes, ensaios breves, aforismos, anedotas e colagens.



► **Inteligência Cênica** (Ipê das Letras, 220 pág, R\$ 60,00), de Ronaldo Loyola, professor, consultor e especialista em cultura organizacional, liderança e desenvolvimento humano, fundador da Loyola HR Consulting, fala da nova competência essencial para o futuro do trabalho: a capacidade de atuar com consciência, empatia e autenticidade em cada interação profissional.

## a propósito

Os tiranos bem que poderiam fazer menos mal a si mesmos e aos outros. Deveriam ler o Eclesiastes, e aí seriam menos vaidosos, egoístas, psicopatas, impiedosos e não usariam a racionalidade para o mal. Deveriam lembrar que suas fraquezas cruciais se tornam armadilhas fatais contra eles. Seja a família, os assessores mais próximos, as elites militares res-

sentidas, a insatisfação popular ou revolucionários conspirando no exílio, os tiranos tem muito mais inimigos que amigos. Um dia a casa cai. Uma vez depositos, ao contrário do que ocorre com líderes democráticos, os tiranos enfrentam o exílio, a prisão ou a morte. O tempo, o sol, a lua, o mar, a natureza e as nações seguem.

(Jaime Cimenti)